

AFROS & AMAZÔNICOS



ENSINO DE HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NO ESPAÇO ESCOLAR: UM RELATO DE VIVÊNCIAS NO CLUBE DE HISTÓRIA

*Teaching Afro-Brazilian History and Culture in The School Space: an Experience Report of
the History Club*

*Delmaci Ribeiro de Jesus**

Resumo: Este texto traz um relato de vivências no processo de desenvolvimento das atividades do Clube de História (CH), utilizando o ensino por investigação como abordagem didática para o cumprimento da Lei nº 10.639/2003, que institui a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira no Brasil. O Clube de História é um projeto de intervenção desenvolvido no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, na cidade de Catu-BA, constituído por estudantes do Ensino Médio, com o objetivo de investigar e popularizar os elementos que compõem a história e a cultura afro-brasileira na cidade de Catu. A partir de metodologias ativas, como a pesquisa científica e a participação em feiras de iniciação científica júnior, os estudantes tornam-se protagonistas no processo de aprendizagem, refletindo sobre questões como identidade, pertencimento e valorização da cultura negra. Além disso, o projeto promove a desconstrução de estereótipos e o combate ao racismo, contribuindo para uma educação antirracista e libertadora. Como resultado, o Clube de História influenciou a criação de um projeto interdisciplinar na escola, ampliando as discussões sobre a cultura afro-brasileira e consolidando-se como uma prática pedagógica transformadora.

Palavras-chave: Lei 10.639/03; História e Cultura afro-brasileira; Ensino de História.

Introdução

Este artigo relata as vivências de um grupo de estudos e pesquisa sobre a história da cultura afro-brasileira no município de Catu-BA, intitulado “Clube de História”. O grupo, constituído por estudantes do ensino médio do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, sob a mediação do professor de História, caracteriza-se como um projeto de intervenção que tem como objetivo investigar e popularizar os elementos que compõem a história e a cultura afro-brasileira na cidade de Catu.

O grupo de pesquisa surgiu a partir da percepção de um problema: a falta de políticas públicas e/ou projetos escolares que se dediquem à conservação de memórias sobre a cultura afro-brasileira

no município. A partir dessa inquietação e reflexão, surgiu em sala de aula uma questão a ser resolvida: “De que forma os estudantes negros/afrodescendentes, pertencentes à escola pública da cidade de Catu, se percebem como agentes de transformação da realidade na qual estão inseridos?”

A partir dessa problematização, o Clube de História instiga os estudantes da Escola Estadual Maria Isabel de Melo Góes, por meio de diálogos e leituras, a questionarem a realidade em que vivem e, através da pesquisa, propor a [re]construção de conhecimentos que valorizem as comunidades afrodescendentes que constituem o município de Catu e as regiões circunvizinhas. Os jovens pesquisadores produzem projetos de pesquisa exitosos, que são apresentados e premiados em Feiras de Iniciação Científica Júnior, contribuindo para a qualificação do processo de ensino e aprendizagem da história da cultura afro-brasileira, tendo como referência legal os

* Delmaci Ribeiro de Jesus, Secretaria de Educação do Estado da Bahia (SEC-BA), Mestre em História da África da Diáspora e dos Povos Indígenas (UFRB), delmaciribeiro@hotmail.com



Parâmetros Curriculares Nacionais e a Lei nº 10.639/2003.

Cabe aqui uma reflexão: em 2023, a Lei nº 10.639/2003 completou 20 anos de existência. O que realmente mudou após sua promulgação? Quais ações vêm sendo desenvolvidas nas escolas para cumprir as prerrogativas legais? Conforme a lei:

O presidente da república faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei: Art. 1º A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar acrescida dos seguintes arts. 26-A, 79-A e 79-B: Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. (BRASIL, 2003)

A lei, por si só, não é um instrumento suficientemente válido para garantir a inserção de pautas negro-referenciadas nas escolas. Em uma pesquisa recente sobre o engajamento das secretarias de Educação com a aplicação da Lei nº 10.639/2003, Benetido, Carneiro e Portella (2023, p. 41) constataram que: “Apenas 5% dos municípios brasileiros afirmam ter implementado uma área técnica dedicada à agenda da educação para as relações étnico-raciais, e somente 8% das secretarias dizem ter orçamento específico”.

Para Munanga (2018, p. 13), a Lei nº 10.639/2003, assim como outras políticas afirmativas, é a prova de que é necessário que tanto brasileiros afrodescendentes quanto de outras ascendências conheçam a África e sua influência na construção das múltiplas identidades que compõem o Brasil. Por meio disso, é possível reinterpretar e reconstruir novas relações, numa perspectiva emancipatória, distanciando-se do eurocentrismo.

Considerações teórico-metodológicas sobre o Clube de História

O Clube de História tem sua origem no fazer pedagógico e se aproxima, enquanto referência, da própria escola, que pode ser entendida como um objeto de análise e intervenção. O grupo de pesquisa (CH) pode ser compreendido e desenvolvido como uma ação conjunta integrada por discentes e docentes, partilhada com o coletivo da escola. Trata-se de uma abordagem didática que, ao propor atividades investigativas, potencializa a construção do conhecimento histórico e das identidades dos sujeitos que o integram, em seus múltiplos espaços de convivência e ambientes educativos.

Colocar em pauta aspectos teóricos que caracterizam a pesquisa como princípio educativo, a construção do conhecimento histórico e a formação de identidades foram pressupostos teóricos necessários para a compreensão do processo de ensino-aprendizagem que ocorre nas atividades do Clube. Nele, os estudantes deixam o papel de ouvintes e passam a se posicionar como pesquisadores e construtores de conhecimento, capazes de identificar problemas e buscar investigá-los, numa relação de diálogo com a realidade na qual estão inseridos. Essa é uma oportunidade de transformação que ultrapassa os limites da escola e se materializa numa educação que se evidencia como libertadora.

Como afirma Paulo Freire em relação à criação de uma pedagogia crítica-educativa: “Pedagogia que faça da opressão e de suas causas objeto de reflexão dos oprimidos, de que resultará o seu engajamento necessário na luta por sua libertação, em que esta pedagogia se fará e refará” (FREIRE, 2005, p. 34).

Os temas de pesquisa que envolvem a história da cultura afro-brasileira trazem para o ambiente escolar o debate legitimado pela Lei nº 10.639/2003. No entanto, como já foi apresentado na seção anterior, esse debate ainda não faz parte do cotidia-



no do Projeto Político-Pedagógico da maior parte das secretarias de educação e escolas do Brasil. É importante ressaltar que a Lei nº 10.639, que instituiu o ensino de história e cultura da África e afro-brasileira como conteúdo obrigatório na educação básica, é resultado de lutas e movimentos sociais que reivindicam uma reparação histórica, visando atenuar as mazelas que foram e continuam sendo praticadas contra a população negra no Brasil, desde o período colonial.

Tendo como referência o cenário das escolas antes e depois da Lei nº 10.639/2003 e com base em pesquisas científicas recentes, como já citado anteriormente, fica evidente que, mesmo com a obrigatoriedade do ensino de história da África imposta por lei, a mudança de comportamento curricular que possibilite a inserção dos valores, da identidade, do reconhecimento e da valorização da cultura afro-brasileira ainda está distante de se materializar.

O termo “identidade”, cujo conceito, de acordo com Nilma Lino Gomes (2005), pode ser entendido como um conjunto de aspectos individuais que caracterizam uma pessoa, mas também como um aspecto plural, constituído a partir das relações sociais, que são permanentemente mutáveis.

A identidade não é algo inato. Ela se refere a um modo de ser no mundo e com os outros. É um fator importante na criação das redes de relações e de referências culturais dos grupos sociais. Indica traços culturais que se expressam através de práticas linguísticas, festivas, rituais, comportamentos alimentares, tradições populares e referências civilizatórias que marcam a condição humana. (GOMES, 2005, p. 41).

As diferentes identidades que constituem os estudantes que chegam ao Clube fazem com que estes se aproximem quando a temática é a baixa autoestima, o que os afasta das propostas pedagógicas da escola, da identidade cultural, do sentimento de pertença, da coletividade e de assuntos relevantes que possibilitam

entender a educação como mecanismo de transformação e politização social.

O cenário descrito revela uma escola pública na qual enxergamos várias outras. São alunos do século XXI que não se identificam com as metodologias propostas, pois as escolas encontram-se engessadas em suas grades curriculares, cada vez mais distantes de uma identidade na qual o estudante possa se reconhecer. No cotidiano das salas de aula, a mera transposição didática persiste e não favorece a construção do conhecimento numa perspectiva crítica e dialógica. Nesse sentido, é de suma importância repensar a metodologia do ensino de História, sobretudo da história da cultura afro-brasileira.

A seguir, é possível perceber, a partir do depoimento da estudante A, que, durante a pesquisa, os alunos desenvolvem habilidades que normalmente não são promovidas nos espaços tradicionais da sala de aula, nos quais o objetivo principal é obter uma nota para aprovação. Após participar da 1ª Feira de Ciências das Escolas Estaduais de Catu, a estudante A relatou sua experiência vivenciada na condição de pesquisadora:

Data 15.09.2016 | Horário 19:54

Durante a FECEEC foram muitas pessoas que passaram para conferir um pouco do nosso projeto, alunos, professores e avaliadores. No decorrer da feira de ciências tivemos algumas críticas e elogios. Uma das críticas foi pelo fato do número de perguntas ser diferente das barras no gráfico, só fizemos 8 perguntas e tivemos algumas críticas também das referências, de todos os alunos que passaram para ouvir a explicação sobre o nosso projeto todos nos parabenizaram pelo incentivo do trabalho. Assim, como as críticas, tivemos os elogios dos avaliadores pela ideia do projeto que eles achavam muito interessante e um grande incentivo para acabar com o preconceito na sociedade. Uma das coisas que mais chamaram a nossa atenção, foi a questão de várias meninas hoje usarem o black, pelo fato de estar muito na moda, mas atrás dessa moda buscamos a valorização, a moda da cultura afro-brasileira está vinculada as raízes africanas e é isso que precisamos

fortalecer. Nosso projeto teve um início de apresentação muito boa, mas infelizmente no final não ganhamos a credencial para a Feira Estadual. (ESTUDANTE A¹).

Observando o relato da estudante, é possível perceber seu interesse pelo objeto de estudo. O relatório foi elaborado no mesmo dia da feira, após um dia de trabalho, repetindo inúmeras vezes sua explanação. A estudante A identificou, a partir das críticas, pontos que podem ser melhorados no desenvolvimento de sua pesquisa. No cotidiano da sala de aula, as avaliações trazem críticas que são simbolizadas por notas baixas, com um caráter mais punitivo do que propriamente educativo.

A análise que a aluna fez sobre a moda do uso do cabelo *black* foi muito interessante, pois, mesmo reconhecendo que existe um modismo, ela afirmou que há uma referência na cultura afro-brasileira, e é essa postura que precisa ser valorizada para que se obtenha o respeito por culturas diferentes, e não a imposição cultural que vem sendo enfatizada ao longo da história do Brasil. Interpretação, criticidade, análise de argumentos e organização das ideias, a partir da pesquisa e apresentação de seus resultados em feiras de ciências, são algumas das habilidades que podem ser identificadas no relato da estudante A.

O ensino da história da África não é uma tarefa fácil, pois existe uma imagem eurocêntrica que foi criada e recriada historicamente sobre a inferioridade do continente africano. Desse modo, entre a lei e a efetivação de currículos escolares que integrem o eixo das discussões sobre a África, há um caminho a ser percorrido. Pensar metodologias que sinalizem uma preocupação com a formação do cidadão e o desenvolvimento de uma consciência histórica são necessidades que vão além de cumprir sistematicamente o que está disposto na Lei nº 10.639/2003.

1. LIMA, Naile dos Santos. Clube de História 2016: Beleza negra, valorização e identidade da cultura afro-brasileira no espaço escolar. Catu: [s.l.], 2016. 1 diário de bordo.

É imprescindível propor um ensino que possibilite ao educando entender seu objeto de estudo e a si mesmo, numa perspectiva de libertação e [re]construção. Nesse sentido, a proposição de atividades investigativas relacionadas a projetos de pesquisa apresentou-se como uma possibilidade fecunda no processo formativo dos estudantes. Cabe destacar que esse tipo de abordagem ainda é pouco difundida no ensino de História na educação básica, sendo mais comum no campo do ensino das ciências naturais. Esse é um dos motivos que tornam o Clube de História inovador, pois as experiências trazidas pelo Clube demonstram a contribuição que a pesquisa como princípio pedagógico pode trazer também para o ensino das ciências humanas.

O ensino por investigação, tal como defende Anna Maria Pessoa de Carvalho, apresenta a ideia de que o processo de ensino e aprendizagem inicia a partir de um problema. A autora afirma que:

Propor um problema para que os alunos possam resolvê-lo, vai ser o divisor de águas entre o ensino expositivo feito pelo professor e o ensino em que proporciona condições para que o aluno possa raciocinar e construir o seu conhecimento. No ensino expositivo toda a linha de raciocínio está com o professor, o aluno só a segue e procura entendê-la, mas não é o agente do pensamento. (CARVALHO, 2013, p. 2).

A proposição do ensino por investigação objetiva trazer uma reflexão sobre a busca por abordagens didáticas diferentes daquelas que têm sido mais comuns nos diferentes espaços educativos, dentre elas, por exemplo, o professor fazendo anotações no quadro, seguidas de explicações, e os estudantes anotando e ouvindo-o dissertar sobre um determinado tópico de conteúdo. Uma expectativa que surge dessas ideias é a possibilidade de que o gosto pela aprendizagem e construção do conhecimento histórico seja nutrido entre os estudantes ao compreenderem que a História analisa as diferentes temporalidades e espaços como construções



humanas, pautadas em crises, desafios e inquietações que podem trazer mudanças para nossas vidas.

Nesse contexto, o Clube de História caracteriza-se por ser uma forma de trabalho cuja intenção é fazer com que a turma se engaje nas discussões, busque a resolução de um problema, exercite práticas e raciocínios de comparação, análise e reflexão. De acordo com Lúcia Helena Sasseron:

O ensino por investigação configura-se como uma abordagem didática, podendo, portanto, estar vinculado a qualquer recurso de ensino desde que o processo de investigação seja colocado em prática e realizado pelos alunos a partir e por meio das orientações do professor. Como abordagem didática, o ensino por investigação demanda que o professor coloque em prática habilidades que ajudem os estudantes a resolver problemas a eles apresentados, devendo interagir com seus colegas, com os materiais à disposição, com os conhecimentos já sistematizados e existentes. (SASSERON, 2015, p.58).

O ensino por investigação caracteriza-se por ser uma atividade orientada pelo professor. Porém, as interações ocorridas entre professor, alunos, materiais e informações é que de fato concretizam o processo de ensino por investigação. A atitude dos estudantes diante da proposição de não apenas ser um observador, mas principalmente se engajar, possibilita o desenvolvimento de liberdade e autonomia intelectual, despertando nos indivíduos o desejo de efetivamente aprender. Uma aprendizagem e reflexão sobre conceitos a partir da identificação de problemas que estão postos, mas muitas vezes passam despercebidos, visto que se vivencia em muitas escolas a cultura burocrática da mera exposição de ideias, que afasta os estudantes do interesse pela aprendizagem.

Nessa perspectiva, não apenas conhecimentos curriculares podem ser trabalhados. Desse modo, o Clube de História estimula também o debate sobre questões morais e éticas relacionadas à cidadania e à inserção dos estudantes como sujeitos que integram a sociedade. Ao promover

condições para que os alunos trabalhem ativa e conjuntamente na resolução de um problema, novas perguntas vão se construindo e possibilitando o estabelecimento de argumentação e debate de ideias.

O ensino por investigação exige que o docente valorize e compreenda a importância de evidenciar as imprecisões dos estudantes, com o objetivo de produzir reflexões a partir de “erros”, conhecimentos prévios e a experiência que a turma traz de suas diferentes realidades. É um trabalho em parceria entre professor e estudantes. Uma construção de entendimento sobre os aspectos históricos estudados e sobre os conceitos, modelos e teorias que os compõem; pode-se afirmar que é uma construção de uma nova forma de vislumbrar os conhecimentos históricos e o modo como estamos a eles relacionados.

O processo de conhecimento histórico e sua adequação ao ensino-aprendizagem são aqui tratados a partir das concepções que fundamentam uma proposta de trabalho que procura estabelecer o diálogo de uma pedagogia da inclusão, que visa à prática da cidadania e ao respeito às diferenças, com a realidade da exclusão, que aponta justamente para a distância entre a teoria e a prática. Educar pela pesquisa e propor investigações que tornem possível a valorização da cultura negra é de fundamental importância para que a juventude, sobretudo, construa uma relação de pertencimento com a sociedade na qual está inserida.

Apreender uma consciência histórica possibilitará aos jovens dos bairros periféricos desbravarem sua própria cultura e contextualizá-la no tempo vivido por eles, a partir da releitura de uma história que vem sendo silenciada e reduzida a estereótipos folclóricos. Analisar e entender as relações entre senhores de engenho e escravos e discutir a realidade dos bairros periféricos da cidade é uma estratégia política para estimular os estudantes a se reconhecerem como sujeitos de um espaço por eles vivenciado, nas periferias, nos distritos e nas escolas da rede pública de ensino de Catu.

Metodologia de organização do Clube de História

A implementação do Clube de História no cotidiano das atividades do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes pode ser percebida a partir do método dialético, que considera que os fatos não podem ser analisados de forma descontextualizada dos aspectos social, cultural, político e econômico. Os estudantes que participam do Clube de História são constantemente convidados a relacionar os fatos históricos mencionados no livro didático e nas fontes por eles analisadas com a história local e o cotidiano no qual estão inseridos.

As etapas desenvolvidas para a organização e funcionamento do Clube de História ocorreram na seguinte ordem:

- 1) Reunião com a direção do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes:** Apresentação e aprovação da proposta de inserção do Clube de História nas atividades dos estudantes que demonstrem interesse em participar.
- 2) Processo de seleção dos estudantes:** Divulgação da proposta do Clube entre os discentes do Ensino Médio.
- 3) Entrevista com os estudantes interessados:** Seleção dos participantes com base no interesse e comprometimento demonstrados.
- 4) Organização do cronograma de funcionamento do Clube de História:** Definição de datas e horários para as reuniões e atividades.

Como alternativa para a dificuldade de reunir os estudantes presencialmente, foi criado um grupo em rede social que possibilita acompanhar as discussões, sugerir leituras e desenvolver ações que favoreçam a construção de projetos de pesquisa e, posteriormente, a apresentação em feiras de ciências. A periodicidade das discussões virtuais é semanal, e os encontros presenciais ocorrem quinzenalmente, no turno oposto ao que os alunos estudam. Em alguns momentos, foi necessário realizar orientações que extrapolaram a carga

horária semanal do professor orientador, a fim de atender a todos os estudantes.

O roteiro de atividades do Clube, no que diz respeito às reuniões com os estudantes, seguiu a seguinte sequência:

- a) Apresentação da proposta, do projeto e do estatuto do Clube de História:** Explicação dos objetivos, regras e funcionamento do Clube.
- b) Explicação sobre o diário de bordo:** Discussão sobre sua importância e necessidade de acompanhar o estudante durante toda a sua participação no Clube de História.
- c) Brainstorming:** Atividade para provocar os estudantes a pensarem em possíveis temas de pesquisa a partir da observação dos problemas da realidade na qual estão inseridos.
- d) Seleção de textos acadêmicos:** Escolha de materiais que possibilitem a reflexão sobre a cultura afro-brasileira, com os estudantes selecionando as leituras que mais lhes interessam.
- e) Realização de fichamentos e anotações:** Os estudantes fazem registros sobre as leituras e levantam pontos para discussão. Esses pontos são debatidos inicialmente em ambientes virtuais e, posteriormente, em encontros presenciais. Nessa etapa, desenvolve-se a capacidade de ler, analisar, interpretar e se comunicar com base em argumentos que validam uma ideia.
- f) Apresentação da Plataforma Ápice Febrace:** Os estudantes são introduzidos à plataforma (disponível em: <https://apice.febrace.org.br/>), onde realizam o curso online “Metodologia da Pesquisa e Orientação de Projetos de Iniciação Científica”. Esse curso oferece conhecimentos sobre mecanismos de pesquisa, conceitos de plano de pesquisa, diário de bordo e outros elementos fundamentais para o desenvolvimento de iniciação científica júnior.



g) Construção do plano de pesquisa:

A partir das discussões e da formação teórica, os estudantes são orientados na elaboração do plano de pesquisa e iniciam a investigação, seguindo a metodologia definida no plano. Nessa etapa, o professor orientador acompanha os estudantes em atividades de campo, onde são analisadas fontes e realizados levantamentos de dados.

h) Processamento dos dados obtidos:

Os dados coletados são discutidos no grupo de trabalho, com compartilhamento de ideias, registros no diário de bordo e reflexões sobre os objetivos estabelecidos e os resultados alcançados.

As etapas registradas no diário de bordo são organizadas em um artigo, que é compartilhado com outros estudantes em oficinas, palestras e feiras de iniciação científica. Além disso, as reuniões do Clube de História ocorrem semanalmente para leitura, discussão e produção de textos sobre a história local.

Outras atividades desenvolvidas pelo Clube incluem:

- **Orientação dos projetos de pesquisa dos estudantes:** Preparação para submissão em feiras de ciências na cidade de Catu e realização de pesquisas de campo.
- **Realização de oficinas sobre história local:** Em parceria com os professores, os estudantes do Clube de História divulgam suas pesquisas.
- **Compartilhamento de aprendizagens:** Todos os envolvidos no projeto são convidados a fazer um diagnóstico dos possíveis benefícios e/ou malefícios que a pesquisa e o conhecimento científico podem proporcionar ao ensino de História.
- **Análise da efetividade do projeto:** Avaliação do Clube de História como estratégia pedagógica de ensino não formal de História, prática de iniciação científica na educação básica e instru-

mento de construção da cidadania do estudante.

Relato de vivências no Clube de História

Os aspectos que corroboraram para a consolidação da proposta do Clube de História também são marcados pela necessidade de pontuar as adversidades enfrentadas no decorrer das atividades vivenciadas no Clube. A falta de um espaço definido para realizar as reuniões, a ausência de computadores, impressoras e outros recursos que poderiam agregar às pesquisas propostas foram alguns dos desafios enfrentados.

Os contratempos para reunir os estudantes em um turno oposto ao do estudo regular retratam as limitações de ser professor e pesquisador na rede pública estadual da educação básica. Os horários das reuniões precisavam ser constantemente ajustados, o que exigiu a busca por estratégias para envolver mais estudantes e evitar a evasão. Desde o início da proposta do projeto de intervenção do Clube de História, observou-se a necessidade de envolver o maior número possível de estudantes em um processo contínuo de aprendizagem e reflexões relativas à cultura afro-brasileira, ao mesmo tempo em que se fomentava o desenvolvimento de habilidades de leitura e escrita.

Utilizando o conceito de avaliação proposto por Luckesi², é possível observar uma evolução qualitativa no desempenho dos estudantes que participaram ativamente do projeto de intervenção. No diagnóstico inicial, realizado nos primeiros encontros do Clube de História, foi possível perceber, por meio de conversas com os estudantes, a insegurança para falar em público e o desinteresse pela leitura.

2. Segundo o professor Cipriano Carlos Luckesi, citado por LIBÂNEO (1991; p196) "a avaliação é uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho".



Durante o primeiro ano de realização do projeto, os estudantes tiveram dificuldades para identificar problemas e fazer reflexões a partir do objeto de estudo. A desenvoltura dos estudantes foi inicialmente marcada por nervosismo e insegurança. A necessidade de instituir uma cultura de pesquisa, que até então não era uma prática comum nem para os professores nem para os estudantes do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, surgiu a partir da criação de possibilidades e oportunidades para a inserção da cultura científica no cotidiano da escola, com eventos internos e, gradativamente, a participação em projetos de extensão com o objetivo de acolher a comunidade escolar.

Ainda em 2016, os alunos iniciaram um ciclo de oficinas em escolas municipais de Catu para discutir questões relacionadas à cultura afro-brasileira durante as festividades da Semana da Consciência Negra. Na oportunidade, os discentes tiveram um desempenho satisfatório, demonstrando maior espontaneidade e trazendo para a plateia de alunos do Ensino Fundamental II importantes reflexões sobre a Lei nº 10.639/2003 no currículo das escolas da cidade de Catu.

Estudar a cultura afro-brasileira por meio da investigação protagonizada por estudantes da educação básica está diretamente relacionado à ampliação da conscientização sobre a temática específica do projeto, que é a cultura afro-brasileira, enquanto uma ação afirmativa de valorização e empoderamento dos estudantes do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes e da comunidade situada em seu entorno.

No entanto, como o projeto do Clube de História não está inserido no currículo regular da escola, um número reduzido de estudantes optava por participar do Clube, limitando sua atuação a um grupo de aproximadamente 10 estudantes. Dessa forma, a escola, em sua maioria, continuava à margem das discussões sobre a cultura afro-brasileira e não atendia às atribuições previstas na Lei nº 10.639/2003. Diante

desse problema, após dois anos de atuação, o Clube passou a promover a sensibilização da comunidade escolar para a necessidade de discutir continuamente a cultura afro-brasileira. O grupo de estudos influenciou diretamente a criação do projeto interdisciplinar no Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, intitulado “Cultura afro-brasileira no espaço escolar: descolonizando narrativas e construindo saberes”, que possibilitou ampliar de forma contínua e mais abrangente as discussões sobre a cultura afro-brasileira no espaço escolar, envolvendo todos os estudantes da escola.

O projeto, que surgiu como um desdobramento das ações do Clube de História, iniciou suas atividades no primeiro trimestre do ano letivo de 2018, com caráter interdisciplinar. Os estudantes foram envolvidos em oficinas de leitura, produção de textos, análise de documentários e participação em palestras. Os textos, documentários e palestras partiram de temas do cenário local, a cidade de Catu, e estimularam a reflexão e a produção sobre a cultura afro-brasileira.

Em 2016, quando o Clube de História surgiu, a resistência dos estudantes em relação à compreensão de temas relacionados à cultura afro-brasileira era evidente. Após a dificuldade inicial, a participação e o envolvimento dos estudantes revelaram o quanto o Clube contribuiu de forma significativa para estimular a conscientização sobre a cultura afro-brasileira. Partindo da ideia de respeito e humanidade, os estudantes conseguiram se despir gradativamente de preconceitos presentes na família e em toda a sociedade, que se estendem para os demais espaços sociais, incluindo a escola.

Os resultados foram relevantes, uma vez que, além dos prêmios obtidos em Feiras de Iniciação Científica Júnior, os estudantes do Clube de História promoveram uma reflexão necessária e contínua no espaço escolar. O combate à intolerância, a desmistificação da democracia racial, a valorização da identidade e da cultura afro-



-brasileira são elementos que passaram a fazer parte do projeto político-pedagógico da escola, não se limitando ao conteúdo superficialmente analisado no dia da “Consciência Negra”.

O Clube de História e suas contribuições para o ensino de história

Ao longo do processo de desenvolvimento das ações do Clube de História, foi possível verificar que é possível desmistificar a ideia, presente entre os alunos, de que estudar História é prender-se ao passado e, portanto, algo desnecessário. O envolvimento dos estudantes em suas pesquisas e a sensibilidade para observar problemas do seu cotidiano são extremamente significativos, visto que o protagonismo dos estudantes precisa ser cada vez mais estimulado.

Ao fomentar o ensino de História em um viés investigativo, os estudantes foram incentivados a pensar o problema como promotor de interações, seja individual ou coletiva, e como indutor do processo de investigação no espaço escolar. Esse é um caminho que precisa ser percorrido por alunos e professores para que haja a construção de novos saberes que dialoguem com a realidade vivenciada.

Muitas vezes encarado como uma simples pergunta, o problema traz consigo todo um contexto no qual a situação problematizada faz sentido, possibilitando que, em sala de aula, essa situação seja analisada. É preciso pontuar que um problema escolar é diferente de um problema científico. Na escola, o objetivo central é o contato dos estudantes com um conhecimento que ainda não lhes é familiar, mas para o qual pode já haver certo consenso na comunidade científica. A resolução de um problema é um processo complexo que congrega ações de instâncias distintas, desde aquelas mais ligadas a ações manipulativas e desenvolvimento cognitivo até aspectos que demonstram uma construção teórica de conhecimento.

A ideia de investigação relaciona-se com os processos por meio dos quais novos conhecimentos são construídos, apoiando-se em resultados teóricos, dados empíricos, análise e confronto de perspectivas. Trata-se de um processo aberto, desencadeado e dependente de características do próprio problema em análise, com forte relação com conhecimentos já existentes (aprendizagem significativa) e reconhecidos pelos participantes do processo. Sob essa perspectiva, processos investigativos podem surgir como decorrência, desdobramento e continuidade de investigações em curso ou já realizadas. Desse modo, é importante a continuidade das atividades de pesquisa e investigação em busca de novos resultados, que devem sempre ser confrontados.

Considerando a sala de aula, a abordagem de conteúdos científicos precisa cuidar para que os conceitos e outros elementos da cultura científica não sejam apresentados como construções encerradas em si mesmas, não passíveis de questionamento. Para Barca (2012), as pesquisas em Educação Histórica surgiram na tentativa de ligar a teoria à prática, ou seja, não apresentar apenas propostas prescritivas não testadas em estudos empíricos, mas sim criar, implementar e analisar situações de aprendizagem reais, em contextos concretos, e disseminar resultados que possam ser ajustados a outros ambientes educativos.

A possibilidade de desenvolver novas abordagens relacionadas ao ensino de História, que aproximem o objeto de estudo da realidade, ganha mais significado quando as experiências educativas podem ser adaptadas e replicadas em outros contextos educativos. Por isso, o ensino de História deve ter como fundamento:

(...) desenvolvimento sustentado no conjunto de competências de interpretação e compreensão do passado que permite ler historicamente o mundo, a partir de crianças e jovens, dado que a aprendizagem se for explorada de forma desafiante, criativa e válida, apresenta fortes potencialidades como contributo para o desen-

volvimento de competências cognitivas essenciais para a vida numa Sociedade da Informação e de Desenvolvimento. (BARCA, 2012, p. 37).

Pensar o ensino de História no século XXI é uma tarefa complexa, uma vez que, em uma sociedade carregada de informações diversificadas, os indivíduos são confrontados com visões diferentes do mundo, que por vezes são conflitantes entre si e com seus próprios conhecimentos.

Para exemplificar o quanto o Clube de História contribui na perspectiva de apresentar a temática da História e Cultura Afro-Brasileira, apresento os planos de pesquisa, o pôster de apresentação e um resumo de uma das propostas apresentadas por estudantes no contexto das vivências do Clube. Os temas de pesquisa são sugestões dos estudantes, inquietações que partem da convivência desses indivíduos em suas comunidades, bairros periféricos e distritos da cidade de Catu. Após identificar um problema da comunidade na qual o estudante está inserido, os alunos seguem os passos:

- 1) Realização do plano de pesquisa:** Definição do problema, objetivos e metodologia.
- 2) Revisão bibliográfica:** Busca por fontes e materiais de apoio.
- 3) Encontros semanais:** Leituras e discussões de conceitos relacionados às pesquisas.
- 4) Confecção de textos:** Elaboração de resumos, fichamentos, redações e pequenos artigos.
- 5) Apresentação dos temas de pesquisa:** Divulgação dos resultados parciais na escola para estudantes que não participam do Clube de História.
- 6) Submissão dos projetos:** Apresentação com banners em Feiras de Iniciação Científica Júnior.

Um dos temas abordados pelos alunos foi a aplicação da Lei nº 10.639/2003 no currículo das escolas da cidade de Catu. Esse tema trouxe para os estudan-

tes um amadurecimento político muito interessante. Durante as entrevistas, os discentes puderam constatar que as falas de professores, estudantes e secretarias de educação não caminhavam no mesmo sentido diante dos mesmos questionamentos, que tinham como objetivo entender de que forma a Lei nº 10.639/2003 vem sendo aplicada na cidade de Catu. Quando questionados sobre os objetivos a serem alcançados com o projeto de pesquisa, um dos estudantes respondeu:

A partir dessa pesquisa queremos sinalizar um problema, que é a falta de sensibilidade da comunidade escolar, para identificar no seu cotidiano situações que podem ser discutidas para termos uma educação que seja capaz de contribuir para uma sociedade cada vez melhor. Com base nos resultados iremos propor juntamente com a direção, professores e estudantes a ampliação do Clube de História para desenvolver na escola projetos que possam contribuir para que tenhamos a valorização da identidade dos diferentes grupos étnicos que compõe a população brasileira.³

O exercício da entrevista e da análise das respectivas respostas fez com que os discentes se tornassem mais atentos no momento de ouvir notícias e interpretá-las, potencializando uma aprendizagem de conhecimentos históricos de forma crítica e reconhecendo-se como cidadãos capazes de contribuir significativamente para a ressignificação da sociedade na qual estão inseridos.

Considerações finais

O Clube de História alcançou seu objetivo. Mesmo com as dificuldades enfrentadas, os estudantes buscaram fazer do Clube um caminho para que a educação pública tenha uma melhor qualidade. A proposta do Clube de promover a pesquisa para discutir a valorização e o reconhecimento da cultura negra, em suas diferentes representações, onde os estudantes são os protagonistas e sujeitos do proces-

3. SILVA, Laura Costa da. Clube de História 2016: A Lei 10.639/03 no currículo das escolas de Catu. Catu: [s.l.], 2016. 1 diário de bordo.



so de ensino e aprendizagem, tem sido realizada com êxito. Os problemas aqui relatados dificultaram as ações do projeto de intervenção, mas não foram obstáculos que impossibilitaram sua realização.

Após o planejamento, a formação e a consolidação do grupo de estudos, foi gratificante testemunhar que os estudantes, membros do Clube de História, iniciaram uma inquietação de propor uma nova caminhada para o Clube. O surgimento de um projeto interdisciplinar, com perspectiva de integrar o Projeto Político-Pedagógico da escola, é o legado que o Clube de História deixa para o Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes. Além disso, evidencia a capacidade e o protagonismo dos estudantes, elementos que precisam ser insistentemente lembrados e incentivados.

O relato de vivências do Clube de História (CH), com a proposta de fomentar o ensino de história e cultura afro-brasileira, demonstra que é possível desenvolver ações que possibilitem efetivamente a inserção da cultura da diáspora negra em posição de igualdade com as heranças europeias no sistema de ensino nacional. Isso parte da ideia de despertar uma consciência crítica das raízes culturais que contribuíram e continuam contribuindo para a formação da nacionalidade brasileira.

Nesse cenário, o Clube deixou de ser um projeto da disciplina e passou a ser um projeto pedagógico da escola Maria Isabel de Melo Góes. Em 2018, foi nomeado como “Cultura afro-brasileira no espaço escolar: descolonizando narrativas e construindo saberes”. A partir do segundo semestre de 2021, com o objetivo de se adequar ao processo seletivo do edital SEC/SEPROMI nº 011/2021 – Concurso Público – Prêmio Jorge Conceição⁴, o projeto seguiu com o nome “Educação antirracista: a escola enquanto espaço de (re)existência”. Com

4. Edital publicado em dezembro de 2021 pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia em parceria com a Secretaria de Promoção da Igualdade Racial (SEPROMI). O professor Jorge Conceição, homenageado no edital, foi militante do movimento negro e docente do Programa de Pós-Graduação da UFBA.

a aprovação no edital SEC/SEPROMI nº 011/2021, buscou-se ressignificar a identidade escolar, desenvolver o sentimento de pertencimento dos discentes para com a escola pública e promover uma educação libertadora, antirracista e contribuir para o desenvolvimento da criticidade dos estudantes e a formação de cidadãos politizados. Essa perspectiva ampla só foi possível em função do caminho inicial de mobilização do Clube de História.

A partir da ideia proposta – “Educação antirracista: a escola enquanto espaço de (re)existência” –, houve a consolidação do Clube de História e os desdobramentos dessa caminhada de inserir o ensino da história e cultura afro-brasileira no cotidiano escolar do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes. O produto mais recente dessa trajetória no CEMIMG foi a elaboração de um documentário, intitulado *NUPEA: Caminhos de Resistência no CEMIMG*⁵, protagonizado por estudantes e por toda a comunidade escolar. O referido documentário será o objeto de um próximo artigo, ao qual já deixo o convite para o leitor que acompanhou até aqui as vivências do Clube de História do Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, na cidade de Catu-BA.

Referências

BARBOSA, Joaquim Gonçalves; BATISTA MARTINS, João. **Reflexões em torno da abordagem multirreferencial**. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998.

BARCA, Isabel. **O pensamento histórico dos jovens: ideias dos adolescentes acerca da provisoriade da explicação histórica**. Braga: CEEP/Universidade do Minho, 2000.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Inclui a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira” no currí-

5. Documentário NUPEA: Caminhos de Resistência no CEMIMG. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gAH-SBw3QRA>. Acesso em: 20 de junho de 2023.



culo oficial da rede de ensino. *Diário Oficial da União*, Brasília, 2003.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio: Ciências Humanas e suas tecnologias**. Brasília: MEC, 2006.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. Ensino e aprendizagem de ciências: referenciais teóricos e dados empíricos das sequências de ensino investigativas. In: LONGHINI, Marcos Daniel (Org.). **O uno e o diverso na educação**. Uberlândia: EdUFU, 2013.

CARVALHO, Anna Maria Pessoa de. O ensino de Ciências e a proposição de sequências de ensino investigativas. In: CARVALHO, Anna Maria Pessoa de (Org.). **Ensino de Ciências por investigação: condições para implementação em sala de aula**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

DO NASCIMENTO, Cláudio O. Costa; MACEDO, Roberto Sidnei. Prefiro ser uma metamorfose ambulante: um elogio ao pensamento pedagógico complexo na formação de professores. **Revista Entredeias: Educação, Cultura e Sociedade**, v. 10, n. 9, 2005.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. In: BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Educação antirracista: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03**. Brasília, DF: MEC/Secadi, 2005. p. 39-61.

INSTITUTO ALANA. **Lei 10.639/03: a atuação das Secretarias Municipais de Educação no ensino de história e cultura africana e afro-brasileira**. Organização: Beatriz Soares Benedito, Suelaine Carneiro, Tânia Portella. São Paulo: Instituto Alana, 2023. Disponível em: <https://alana.org.br>. Acesso em: 26 jul. 2023.

KI-ZERBO, Joseph. Introdução geral. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.). **História geral**

da África I: metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010. p. XXXI-LVII.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1991.

MUNANGA, Kabengele. Relações África-Brasil: o que seria? **Revista do PPGCS – UFRB – Novos Olhares Sociais**, v. 1, n. 1, 2018.

SASSERON, Lúcia Helena. Alfabetización científica, enseñanza por investigación y argumentación: relaciones entre las ciencias de la naturaleza y la escuela. **Ensino, Pesquisa e Educação em Ciências (Belo Horizonte)**, v. 17, n. especial, p. 49-67, 2015.

-----//-----

Abstract: This text presents an account of experiences in the development of activities within the History Club (CH), using inquiry-based learning as a didactic approach to comply with Law No. 10.639/2003, which mandates the teaching of Afro-Brazilian History and Culture in Brazil. The History Club is an intervention project developed at the Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, in the city of Catu, Bahia, composed of high school students, with the objective of investigating and popularizing the elements that constitute Afro-Brazilian history and culture in the city of Catu. Through active methodologies, such as scientific research and participation in junior science fairs, students become protagonists in the learning process, reflecting on issues such as identity, belonging, and the valorization of Black culture. Additionally, the project promotes the deconstruction of stereotypes and the fight against racism, contributing to an anti-racist and liberating education. As a result, the History Club influenced the creation of an interdisciplinary project at the school, expanding discussions on Afro-Brazilian culture and establishing itself as a transformative pedagogical practice.

Keywords: Law 10.639/03; Afro-Brazilian History and Culture; History Teaching.

Resumen: Este texto presenta un relato de experiencias en el desarrollo de las actividades del Club de Historia (CH), utilizando la enseñanza por investigación como enfoque didáctico para cumplir con la Ley Nº 10.639/2003, que establece la obligatoriedad de la enseñanza de la Historia y Cultura Afrobrasileña en Brasil. El Club de Historia es un proyecto de intervención desarrollado en el Colégio Estadual Maria Isabel de Melo Góes, en la ciudad de Catu, Bahía, conformado por estudiantes de secundaria, con el objetivo de investigar y popularizar



los elementos que componen la historia y la cultura afrobrasileña en la ciudad de Catu. A partir de metodologías activas, como la investigación científica y la participación en ferias de iniciación científica júnior, los estudiantes se convierten en protagonistas del proceso de aprendizaje, reflexionando sobre temas como la identidad, el sentido de pertenencia y la valorización de la cultura negra. Además, el proyecto promueve la deconstrucción de estereotipos y la lucha contra el racismo, contribuyendo a una educación antirracista y liberadora. Como resultado, el Club de Historia influyó en la creación de un proyecto interdisciplinario en la escuela, ampliando las discusiones sobre la cultura afrobrasileña y consolidándose como una práctica pedagógica transformadora.

Palabras clave: Ley 10.639/03; Historia y Cultura Afrobrasileña; Enseñanza de Historia.

Recebido em: 26 de outubro de 2024.

Aceito em: 03 de dezembro de 2024.